

***Black Panther, COVID 19, George Floyd. Qual o futuro do afroempreendedor? Reflexões sobre uma revisão sistemática da literatura.***

*Área Temática: EMPSI Empreendedorismo, startups e inovação*

## Resumo

Nos últimos cinco anos três acontecimentos, em diferentes esferas, tiveram um profundo impacto na comunidade negra ao redor do mundo e indiretamente nos seus negócios próprios. O blockbuster Black Panther e seu afrofuturismo, a pandemia da Covid-19, e o assassinato, por um policial branco, de George Floyd. Trazendo à tona uma luta não mais recente: Black Lives Matter! A conjunção desses acontecimentos pressionou a sociedade como um todo a repensar a sua relação com a comunidade negra ao redor do mundo. Além de nos direcionar para o seguinte questionamento: Como construir, para o futuro, um afroempreendedorismo decolonizado, afrocentrado, baseado na cosmovisão e filosofia das antigas tradições africanas, emancipada de uma lógica neoliberal e ocidental? O recorte que buscamos dar é sobre o impacto desses três acontecimentos para a comunidade negra e quais aprendizados podemos extrair deles. A revisão sistemática da literatura, foi o método escolhido, pois a reflexão sobre os três acontecimentos em uma única produção que reflita os caminhos para o afroempreendedorismo se torna urgente. O resultado foi a identificação de uma janela de oportunidades já em curso que pavimentam os próximos passos do afroempreendedorismo no Brasil e ao redor do mundo.

**Palavras-chave:** Afro Empreendedorismo, Empreendedorismo, Afrofuturismo, Vidas Negras Importam, Covid-19

## Abstract

In the last five years, three events, in different spheres, have had a profound impact on the black community around the world and indirectly on their own businesses. The blockbuster Black Panther and its Afrofuturism, the Covid-19 pandemic, and the murder, by a white police officer, of George Floyd. Bringing up a no more recent fight: Black Lives Matter! The conjunction of these events pressured society as a whole to rethink its relationship with the black community around the world. In addition to directing us to the following question: How to build, for the future, a decolonized, Afrocentric Afro-entrepreneurship, based on the cosmovision and philosophy of ancient African traditions, emancipated from a neoliberal and western logic? The clipping we seek to give is about the impact of these three events for the black community and what lessons we can extract from them. The systematic review of the literature was the method chosen, as the reflection on the three events in a single production that reflects the paths to Afro-entrepreneurship becomes urgent. The result was the identification of a window of opportunity already underway that pave the next steps for Afro-entrepreneurship in Brazil and around the world.

**Keywords:** Afro Entrepreneurship, Entrepreneurship, Afrofuturism, Black Lives Matter, Covid-19

## 1. Introdução

Desde 2018, vimos uma crescente escalada nas produções sobre negritude em diferentes aspectos: dos negócios próprios criados e gerenciados por profissionais negros e suas particularidades (FRANCIS & ROBERTSON, 2021; MICHAELIDES, 2020), na construção de um futuro afrocentrado para a comunidade negra (ANDERSON, 2020; CHAMBLISS, 2021; OSEI, 2020; HOLBERT ET. AL, 2020; BROADNAX, 2018; DE KOSNIK & FELDMAN, 2019), no crescimento dos movimentos sociais raciais (Mir & Zanoni, 2020; Joseph–Salisbury, Connelly & Wangari-Jones, 2020) e no impacto causado pela pandemia da Covid-19 (PEREIRA & PATEL, 2022; YANCEY & KROME, 2021).

Esse crescimento das produções científicas sobre negritude e o interesse pela sociedade e o mundo corporativo em discutir e pautar as temáticas de responsabilidade social, preconceito, diversidade e inclusão étnico racial nas organizações, proveem da exigência de boas práticas ESG por parte dos *stakeholders*, dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e os Princípios para o Investimento Responsável proposto pelas Organizações das Nações Unidas, o ativismo internacional Vidas Negras Importam e a pandemia gerada pela Covid-19 (GROSSI & VICENTE, 2022).

Neste contexto, esse artigo tem como objetivos i) traçar a partir do conjunto de acontecimentos descritos acima, a possibilidade de construir um afroempreendedorismo decolonizado, afrocentrado, baseado na cosmovisão e filosofia das antigas tradições africanas; ii) fornecer um panorama amplo do impacto causado pelos acontecimentos nos afro empreendimentos; iii) e por fim, sugerir frentes de ações para o desenvolvimento do afroempreendedorismo emancipado de de uma lógica neoliberal e ocidental?

Em 2018, início do nosso recorte, o *blockbuster Black Panther*, nos trouxe uma nova perspectiva, neste caso cinematográfica, não apenas da negritude, mas da visão de mundo sobre o continente africano, um anseio por uma contra-história para confrontar a narrativa vigente sobre os afrodescendentes que tinham de ver seu povo sendo representado de forma positiva, segundo Wallace (2018). Essas representações, mesmo que aparentemente simbólicas, tem consequências materiais, conforme descreve Griffin (2012), como por exemplo, a mídia que possui o poder de moldar, influenciar e sugerir como as pessoas são aceitas e tratadas. Segundo Prabasmoro *et. al* (2019) a mídia é um dos meios mais eficazes de expandir o conhecimento e a compreensão, por meio de programas de TV, transmissões de rádio e filmes.

Osei (2020) descreve que *Black Panther*, expande o escopo do afrofuturismo além das barreiras do continente americano, proporcionando múltiplas perspectivas sobre a luta negra não limitada ao espaço afro-americano, enfatizando preocupações temáticas como um desafio das estruturas de poder e do sistema ocidental infundido com o racismo estrutural, o olhar ocidental e o isolacionismo. Ryan Coogler, diretor e co-roteirista do filme, vê o afrofuturismo como “uma espécie de resposta que encontra uma maneira de unir o aspecto cultural das antigas tradições africanas com o potencial do futuro”. Por mais que o tema pareça bastante atual, Coney (1974) relata que a comunidade negra já praticava o afrofuturismo através da música, literatura e no cinema. Exemplifica com o clássico Sun-Ra, onde por meio

de sua estética com tema espacial se fundiu com elementos egípcios, esculpindo um nicho para si e imaginando um futuro para os negros, que ele acreditava existir apenas no espaço “alter”. Anderson (2020) argumenta sobre as possibilidades do afrofuturismo, uma vez que o mesmo permite explorar sobrepostos “tropos de ficção científica, história, trauma, reparação e política” a serviço da transformação e libertação.

Em nosso segundo recorte, entendido como marco para a comunidade negra nos últimos cinco anos, foi o ano de 2020. Esse ano, como nenhum outro, foi marcado por uma série de acontecimentos inesperados: uma pandemia global de imensas proporções, um amplo declínio econômico, uma enorme agitação social devido ao racismo sistêmico contínuo e uma eleição americana tumultuada, segundo Yancey & Krome (2021). Em 9 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou que um novo coronavírus com sintomas respiratórios (Covid-19) estava ativo na China (AJMC Staff, 2021). Em poucos meses, o vírus se espalhou pelo mundo e, em 25 de outubro de 2020, havia infectado 42 milhões de pessoas, matando 1,1 milhão em todo o mundo (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2020). Negócios fechando, fornecedores indisponíveis, negócios que emergiram e necessitavam se adaptar a esse “novo normal”, estritamente dependentes de suportes bancários e governamentais, impactam diretamente nos trabalhadores autônomos e pequenos empreendedores (PEREIRA & PATEL, 2022). Segundo Rodela *et. al* (2020) a pandemia apresentou maiores desafios para o tecido institucional, econômico e social, entre os grupos mais precários de autônomos e empreendedores estão os pertencentes a grupos minoritários raciais nos países em desenvolvimento. Ainda com Pereira & Patel (2022), a população autônoma negra no Brasil, sofreu com dois impactos, a experiência de viver em um país em desenvolvimento e a discriminação sistêmica e estrutural. Especialmente concentrados em bairros pobres e em favelas, a população negra no período pandêmico figurou os piores índices e a maior dependência de assistência governamental para conseguir passar pelo período de isolamento mais severo.

Em outras palavras, podemos dizer que 2020 contou com uma segunda “epidemia”. Lee *et. al* (2019) pontua que além de se preocupar com o impacto negativo da pandemia, a população negra, nos EUA e ao redor do mundo, eclodiu em manifestações que se espalharam pelo mundo reivindicando uma justa pauta: a incessante violência racializada contra negros nos EUA e no exterior. Resumida em uma única frase: *Black Lives Matter*. O movimento iniciou em 2013 após a absolvição de George Zimmerman, um homem branco, pelo assassinato de Trayvon Martin em 2012, um afro-americano de 17 anos, que estava visitando a casa da noiva de seu pai. Ao retornar de uma mercearia em sua cidade natal, Zimmerman, membro do grupo local de Vigilância da Comunidade, atirou e matou Trayvon. Uma série de protestos nos EUA levaram a um movimento online, que posteriormente e anos após, ganhou expressão mundial e no meio físico.

Uma das vítimas do desemprego ocasionado pela Covid-19, vivendo em condições de fragilidade social, foi George Floyd, cujo assassinato público em Minneapolis por um policial se tornaria um catalisador nacional do movimento *Black Lives Matter* (Graves, 2020). Em 25 de maio de 2020, na cidade de Mineápolis, a maneira como um policial branco impassivelmente pressionou o pescoço de um homem negro, gritando piedosamente pela sua vida, chamando sua mãe e dizendo que não

conseguia respirar, chocou a consciência das pessoas, não apenas nos EUA, mas ao redor de todo mundo (MIR & ZANONI, 2020). De acordo com o *Mapping Police Violence* (2020) houve apenas 27 dias em todo o ano de 2019 em que a polícia não matou alguém nos Estados Unidos, sendo dessas, pessoas negras representando três vezes mais das 1.098 vítimas do que pessoas brancas naquele ano. Os protestos em prol do movimento *Black Lives Matter* foram realizados em dezenas de países que experienciam uma vivência de dificuldade social para sua população negra, fruto de períodos escravagistas passados, resultando uma frequente e real marginalização dos corpos pretos.

Neste período, que contemplou entre 2020 a 2021, um dos termos que mais foram proferidos foi o “novo normal”. Resultado do isolamento social forçado e por questões sanitárias, Heredia *et. al* (2022), relata que muitas empresas tiveram que criar estratégias para passar por esse período de turbulência. De forma que mesmo com a redução nas vendas, dificuldade de acesso a fornecedores e queda no fluxo de caixa, a palavra de ordem era: resiliência. Quando racializamos o tema ou fazemos o recorte por minorias, identificamos que esta realidade passa longe dessas capacidades necessárias para sobrepujar este período tão difícil passado pelas empresas de diferentes origens e portes. Bento & Brown (2020), citam que os trabalhadores autônomos enxergam o empreendedorismo como forma de mobilidade social, porém quando comparados entre profissionais brancos e pertencentes a minorias, este último sobre maiores dificuldades de ascensão porque o racismo cria disparidades raciais em capital humano (por exemplo, escolaridade) e capital financeiro (por exemplo, ativos). Lofstrom & Bates (2013) corrobora afirmando que empreendedores autônomos negros têm acesso limitado a setores geradores de riqueza porque esses setores exigem capital financeiro. Robb & Fairlie (2007) descobrem que baixos níveis de ativos impedem o processo de desenvolvimento de start-ups criadas por profissionais negros. Por fim, trabalhadores autônomos negros com baixo capital financeiro enfrentam dificuldades para obter empréstimos ou investimentos; investem menos em seus negócios; e encontram menos chances de crescer seus empreendimentos (BLANCHFLOWER *ET. AL*, 2003; ROBB & FAIRLIE, 2007)

Visando cumprir com os objetivos centrais desta pesquisa, desenvolveu-se uma análise dos principais artigos indexados nas bases *Scopus* e *Web of Science* a partir de 2018 sobre afroempreendedorismo, *Black Lives Matter*, o filme *Black Panther* e por fim, afrofuturismo, no sentido de entender como a análise da conjunção desses temas pode nos direcionar para construção de um futuro para o afroempreendedorismo decolonizado, afrocentrado, baseado na cosmovisão e filosofia das antigas tradições africanas, emancipada de uma lógica neoliberal e ocidental. Este trabalho corrobora com Guthrie (2019) que se indaga sobre: Existe um mundo negro fora da imaginação colonial? Se sim, como podemos vislumbrá-lo, ainda referenciando a historiografia negra e um ethos cultural afro-diaspórico já enraizado nos períodos colonial, escravista e pós-colonial?

Essa pesquisa oferece contribuições i) para os afroempreendedores ao redor do mundo; ii) para organizações e fundos de investimento que investem em boas práticas ESG e que estejam alinhadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e os Princípios para o Investimento Responsável proposto pelas Organizações das Nações Unidas; iii) organizações ligadas ao ativismo negro; iv) e

por fim, para o enriquecimento e crescimento da produção científica brasileira sobre afroempreendedorismo e equidade racial, na tentativa de inverter a lógica do epistemicídio negro brasileiro, que segundo Carneiro (2005), vem sendo empreendido durante vasto período da história do Brasil com desdobramentos específicos sobre a população negra, na tentativa de supressão do conhecimento nos processos de controle, censura e condenação da disseminação de idéias.

## 2. Revisão da Literatura

### 2.1 *Wakanda forever!*

Black Panther centraliza a africanidade, possibilitando, segundo Asante & Nziba (2020), “reivindicar histórias, épicos e canções do povo”, utilizando a produção cultural e cinematográfica para “moldar a consciência nacional, dando-lhe forma e contornos e abrindo-lhe horizontes sem limites.” Asante & Nziba (2020) ainda cita a ideia de Biko (1977), em que o autor defende que a expressão artística está diretamente relacionada com a ideologia política. Para Biko (1977), “a arma mais potente nas mãos do opressor é a mente do oprimido”. Denotando que acima de uma escravidão física é preciso se libertar de uma escravidão mental que nos levará alcançar novas possibilidades, novos paradigmas. Asante & Nziba (2020) problematiza de forma perspicaz sobre o “sequestro” neoliberal empreendido nas mentes dos corpos pretos e pardos que defendem ideologias neoliberais usando a solidariedade pan-africana como pano de fundo estético. Finalizando sua análise relatando que as representações dos futuros africanos, a independência política e econômica e a solidariedade da diáspora africana devem sempre envolver e se envolver com as realidades materiais do continente africano, que se estendem muito além de um retrato descontextualizado e estetizado de “África.”

Hanchey (2020) em sua pesquisa, analisa essa maneira coletiva de se enxergar soluções e buscou responder a seguinte questão: What might it look like to center the Afrofuturist analytic of shaping change in representations of aid and development? O autor trabalha com a ideia de que a mudança é inevitável e que a inevitabilidade da mudança é questão central para o afrofuturismo, entendendo que a capacidade de moldar e se adaptar às mudanças é uma herança do escravismo. Outro ponto interessante é a diferença quanto a abordagem da mudança em diáspora e em terras africanas. De modo que a primeira enxerga a mudança como forma de sobrevivência, enquanto a segunda trabalha a mudança em prol do coletivo, do holístico, da comunidade. O autor finaliza sua reflexão que inicia com a indagação previamente exposta, afirmando que os Wakandans não deveriam prover suas tecnologias e riquezas para outros africanos, seguindo a tradição coletiva africana, mas perguntar para outros africanos: What is it you want?

Osei (2020) também destaca a noção de coletividade da filosofia africana, trazendo para seu trabalho o princípio africano Sankofa, “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”, não apenas utilizando a rica cultura histórica africana, mas reconstruindo de forma elegante possibilidades para o futuro. O autor reforça que o filme é mais do que uma peça cinematográfica, mas uma

forma dos africanos e descendentes em diáspora, olhar para o passado com orgulho e se inspirar para construir o futuro.

Segundo Prabasmoro *et. al* (2019) Black Panther não nos remete a uma narrativa de sofrimento, pobreza, fome, desemprego, opressão mental e física. Ele subverte a narrativa vigente onde negros estão sempre representados em posições de inferioridade relativa aos brancos. Trazendo para o imaginário, um lugar sonhado e desejado pela comunidade negra, representado por Wakanda, desde que seus corpos foram retirados de sua terra natal para serem usados como escravos (PRABASMORO *ET. AL*, 2019).

Por fim, McKay-Jackson *et. al* (2021) analisa a importância do afrofuturismo no imaginário popular para a construção de uma contra história positiva para o povo preto. Black Panther apresenta uma história narrada a partir de uma perspectiva não colonizada de existência para os descendentes africanos, encorajando os mesmos a ressoarem "Wakanda Forever" como indicador de orgulho, senso de comunidade e identidade própria.

## 2.2 | *Can't Breathe*

Nardini *et. al* (2020) em sua pesquisa, aborda de forma assertiva, a colocação de (Heath, 2020, p. 236) "o macro inicia com o micro", ainda, descreve que pessoas em atuações locais e comunitárias são a base de movimentos sociais bem-sucedidos. Segundo Nardini *et. al* (2020) movimentos sociais são bem-sucedidos quando as pessoas se tornam pessoas importantes, agindo para criar mudanças sociais. Nardini *et. al* (2020) finaliza sua exploração exemplificando as dificuldades sistêmicas que a população preta e parda tiveram no período pandêmico (tema que iremos abordar com mais detalhes no próximo capítulo), descrevendo que a ação por parte dos governos em corrigir esses problemas estruturais não foram bem sucedidos. O autor conclui que a população preta e parda não conseguirá escapar desses problemas sistêmicos sem usufruir de soluções sociais sistemáticas incorporadas ao sistema de apoio social, encontrando estratégias mais eficazes e equitativas para financiar os esforços de base em prol dos movimentos sociais organizados.

Movimentos gigantes como o *Black Lives Matter* de 2020, para Joseph–Salisbury, Connelly & Wangari-Jones (2020) pode ser entendido como uma articulação entre oprimidos e aliados, caracterizado como um ato de esperança de que um futuro melhor é possível. De acordo com os autores, mais e mais pessoas estão inclinadas a construir atitudes anti-racistas e alertar a sociedade sobre injustiças cometidas por forças policiais. Corroborando com Nardini *et. al* (2020) os autores concluem que estamos passando por uma janela de oportunidade de construir e reimaginar nossa sociedade por meio de verdadeiras mudanças estruturais e radicais.

Cornelius (2020) afirma em sua pesquisa que o movimento Black Lives Matter, não é um movimento isolado, mas a continuação de uma luta que remonta desde os anos 60, onde indivíduos lutaram por direitos civis. A autora ressalta a frase do ativista James Baldwin, que descreve que "Nem tudo que se enfrenta pode ser mudado, mas nada pode ser mudado até que seja enfrentado" (Baldwin, 1962).

Cornelius (2020) é assertiva ao afirmar que há uma quantidade substancial de produções que focam em trazer luz às desvantagens de grupos sobre outros por questões históricas e culturais, contudo não é possível apenas apontar o problema, mas achar a raiz dele. Segundo a autora, houve muita luz sobre as mazelas provocadas pelo racismo, na esteira do crescimento do Black Lives Matter, porém poucas ações robustas, corroborando com as falas de Nardini *et. al* (2020). A autora finaliza seu raciocínio dizendo que a comunidade negra necessita de movimentos de ações e não apenas de reações, de forma que o racismo não é uma mazela apenas das pessoas pretas, mas de todas as pessoas de cor.

### 2.3 Covid-19 & afroempreendedorismo

Os protestos do *Black Lives Matter* e a pandemia da Covid-19, nos proporcionaram uma oportunidade única para mergulharmos nos efeitos e eficácia da agitação civil, ativismo de mídia social, consciência do consumidor e seus impactos nos mercados e agentes de marketing. A Covid-19, deixou explícito desigualdade racial sistêmica visível nos serviços de saúde e na indústria de entrega, bem como em espaços online e digitais, incluindo o acesso a esses espaços (FRANCIS *ET. AL*, 2021). Nardini *et. al* (2020) corrobora que altas taxas de doenças crônicas e baixa cobertura de seguro de saúde, aumentaram a vulnerabilidade de americanos pretos e pardos, e conseqüentemente o acréscimo desproporcional nas altas de infecção por Covid-19, hospitalização e morte em comunidades pretas e periféricas.

Quanto aos pequenos empreendimentos, Pereira & Patel (2022) conclui que há uma preocupação crescente quanto à recuperação dos pequenos empreendimentos afetados pela Covid-19, e uma necessidade urgente de um tratamento mais cuidadoso aos trabalhadores autônomos de grupos minoritários raciais nos países em desenvolvimento. Ainda com os autores, os mesmos expõem que os trabalhadores autônomos de grupos minoritários são diretamente afetados por questões sistêmicas e estruturais sociais, sendo responsabilidade dos formuladores de políticas criar ações de longo prazo que auxiliem esses grupos.

Yancey & Krome (2021) investigaram as respostas organizacionais a três dos eventos da crise de 2020: a pandemia da doença de coronavírus (COVID-19), a desaceleração econômica e o Black Lives Matter (BLM), concluindo que a maioria das organizações não participaram os funcionários das decisões tomadas frente à esses eventos. Ficando claro o gap entre funcionários e organizações quanto à justiça processual, justiça informacional e comprometimento organizacional afetivo. Ainda com os autores, as organizações, mesmo em meio ao conturbado ano de 2020, tiveram a oportunidade de mostrar para seus funcionários que se importavam com eles, fortalecendo uma relação de longo prazo.

## 3. Metodologia

Este artigo é baseado especificamente na revisão da literatura, de longe, segundo Paul *et. al* (2021), o método mais informativo e científico, desde que conduzido de forma rigorosa e bem justificada. Empreendemos uma consolidada revisão sistemática da literatura, uma vez que a mesma oferece procedimentos organizados

e sistemáticos para analisar minuciosamente os artigos escolhidos sintetizando e estendendo o corpo de literatura no mesmo domínio substantivo que escolhemos explorar (PETTICREW & ROBERTS, 2008; PICKERING & BYRNE, 2014; PALMATIER *ET. AL*, 2017). Entendendo que, segundo Bem (1995), artigos de revisão “são avaliações críticas de estudos anteriores que já foram publicados”, focando na análise dos mesmos, identificando e sintetizando cuidadosamente a literatura relevante para comparar e contrastar os achados de estudos anteriores em um domínio (PAUL, & CRIADO, 2020).

Paul & Criado (2020) corroboram concluindo que trabalhos de revisão promovem aos leitores o entendimento do estado da arte quanto ao tópico pesquisado, ajudando na identificação de gaps de pesquisa e sinalizando possíveis produções futuras. Desenvolveu-se uma análise dos principais artigos indexados nas bases *Scopus* e *Web of Science* de 2018 a 2022, considerando os seguintes conjuntos de palavras-chave: *"Black Entrepreneurship"*; *"Black Panther"* e *"Afrofuturism"*; *"COVID" 19* e *"Black Entrepreneurship"*; *"Black Lives Matter"*. Este levantamento se utilizou das ferramentas de busca avançada de cada base, resultando na relação de artigos que pode ser visualizada por meio da tabela 1.

Tabela 1. Relação dos artigos encontrados nas bases de dados.

Palavras-chave	Quantidade de artigos encontrados							
	Scopus				Web of Science			
	Tipo de documento	Temáticas	Totais de artigos	Artigos úteis	Tipo de documento	Temáticas	Totais de artigos	Artigos úteis
<b><i>"Black Entrepreneurship"</i></b>	article	"Business, Management and Accounting"	78	16	article	"Business", "Management", "Ethics Studies"	116	7
<b><i>"Black Panther" e "Afrofuturism"</i></b>	article	"Business, Management and Accounting", "Social Sciences", "Arts and Humanities"	25	15	article	"Humanities", "Art", "Communication", "Cultural Studies", "Social Science Interdisciplinary", "Social Work"	10	2
<b><i>"COVID" 19 e "Black Entrepreneurship"</i></b>	article	"Business, Management and Accounting", "Social Sciences", "Economics, Econometrics and Finance", "Multidisciplinary"	6	3	article	"Business", "Management", "Social Science Interdisciplinary", "Social Sciences Interdisciplinary"	4	0
<b><i>"Black Lives Matter"</i></b>	article	"Business, Management and Accounting"	74	19	article	"Business", "Ethics Studies"	63	5

Fonte: elaborado pelo autor (2022)

Os artigos foram analisados em sua totalidade, e a exclusão se deu de forma manual pela falta de aderência ao tema proposto na pesquisa e/ou pela duplicidade do mesmo artigo em ambas bases. Portanto, com base nos critérios de exclusão

foram selecionados um total de 67, das 4 áreas pesquisadas para compor o trabalho do total de 376 documentos.

#### **4. Discussão dos resultados**

##### *A influência do Black Panther e do Afrofuturismo*

Asante & Nziba (2020) reconhecem que a obra cinematográfica possui valor na centralização da “africanidade” permitindo aos espectadores “reivindicar histórias, épicos e canções do povo”, usando a produção cultural para “moldar a consciência nacional, dando-lhe forma e contornos e abrindo-lhe novos horizontes sem limites”. No entanto, trazem o seguinte questionamento: à custa de quem se gera indiferença em relação àqueles que não se enquadram nas construções da política neoliberal reembalada em corpos negros e pardos, usando a solidariedade pan-africana como pano de fundo estético? As representações dos futuros africanos, a independência política e econômica e a solidariedade da diáspora africana devem sempre envolver e se envolver com as realidades materiais do continente africano, que se estendem muito além de um retrato descontextualizado e estetizado da “África”. Embora importante, o filme merece um olhar crítico como um projeto contínuo e imperfeito de emancipação do olhar dominante.

Hanchey (2020) desenvolve, também, uma crítica às ajudas internacionais para o continente africano, argumentando que essas funcionam como uma extensão neocolonial das estruturas de poder colonial, reforçando o imaginário do continente como atrasado e desprovido de agência, trazendo consequências materiais para as vidas africanas. O autor analisa o filme pela ótica do afrofuturismo entendendo que o mesmo centraliza a África e a diáspora africana no entendimento de um futuro afrocentrado e trabalha para desfazer as ideologias racistas, sexistas e centradas no ocidente. Reconhecedor da importância da obra, porém igualmente crítico tal como Asante & Nziba (2020), Hanchey (2020) argumenta que o filme desafia alguns pressupostos neocoloniais, porém reproduz e até fortalece, outros aspectos da colonialidade ao retratar Wakanda como uma nação africana excepcional, equiparando desenvolvimento econômico com moralidade, e reforçando a ideia de ajuda como um bem universal.

Osei (2020), assim como Asante & Nziba (2020) e Hanchey (2020), argumenta que o filme Black Panther e seu afrofuturismo africano, mostra uma agenda decolonial e faz muitas analogias consistentes com a teoria Sankofa. O conceito Akan do Sankofa defende que, para avançar e construir um futuro, deve-se chegar ao passado para recuperar o que corre o risco de ser deixado para trás ou esquecido. O autor acredita que a obra cinematográfica traz alguns elementos da África passada que foram esquecidos ao longo dos anos, a citar: a arquitetura wakandana, os sistemas de escrita wakandanos e a representação das mulheres wakandanas.

Prabasmoro *et. al* (2019) fazem uma análise de como heróis negros são representados na indústria cinematográfica, em particular colocando os holofotes no filme Pantera Negra e seu afrofuturismo, analisando questões de sub-representação, aniquilação simbólica e seus impactos para os telespectadores. O artigo argumenta que vivemos em um mundo cada vez mais diverso e sedento por super-heróis não-brancos como o Pantera Negra. Tais personagens, onde

telespectadores possam se relacionar a partir de histórias de seu próprio passado, para que possam celebrar seu progresso e conquistas históricas e ter um sentimento de auto-respeito e dignidade, coadunando com o conceito de Sankofa trabalhado por Osei (2020).

Por fim, McKay-Jackson *et. al* (2021) utilizaram a teoria racial crítica, para conduzir um estudo de métodos mistos para explorar as experiências dos espectadores com micro agressões raciais, seus meios de lidar com a fadiga da batalha racial e como o filme os impactou e ajudou nessas batalhas. Os autores trazem o "efeito Wakanda" como uma forma de trazer empoderamento, consciência crítica e uma contra-narrativa ao discurso negativo e vigente investido contra a população negra. Além disso, validação e conexão social, centralização e contra-narrativas foram estratégias-chave para resistir às micro agressões raciais.

### *A influência do Black Lives Matter*

Com base na psicologia do consumidor, Nardini *et. al* (2020) investigam como os movimentos sociais conseguem criar mudanças sociais concretas. Os autores construíram uma estrutura estabelecida sobre como os movimentos sociais conseguem delinear as práticas promissoras de movimentos sociais bem-sucedidos. Para cada uma dessas práticas, os autores identificaram os mecanismos da psicologia do consumidor que motivam a ação coletiva e incentivam as pessoas a se transformarem de espectadores em observadores, aqueles que fornecem o impulso de base para movimentos sociais bem-sucedidos. Nardini *et. al* (2020) utilizaram essa estrutura para entender o crescimento do Movimento Black Lives Matter, a fim também, de promover a compreensão dos movimentos sociais e incentivar mais psicólogos do consumidor a investigar como os movimentos sociais são bem-sucedidos. Os autores concluem que pela lente da psicologia do consumidor é por meio das motivações, pensamentos, sentimentos e ações das pessoas pelas quais os movimentos sociais constroem uma infraestrutura para transformar a sociedade.

Cornelius (2020) argumenta que a reboque do Movimento Black Lives Matter muitas organizações (empresas e universidades) estão agora reexaminando sua associação com erros históricos contra a África Negra e sua diáspora. Por meio de uma revisão da literatura e da mídia on-line, o autor analisou as respostas à campanha de George Floyd do Black Lives Matter em 2020 analisando, também, a ambição global europeia e seu impacto nas Américas e na África Subsaariana. O autor constata que internacionalmente, há uma mudança perceptível na visão sobre a importância dos males da escravidão e do colonialismo na experiência negra hoje. Esses pequenos passos exigirão que os estudiosos embarquem em um novo reexame da raça, sociedade e trabalho. Ainda, temas como tráfico de escravos e o colonialismo foram questões raramente levantadas em governos, empresas e escolas de negócios. Sendo muitas vezes trabalhados com pouca seriedade, necessitando de uma reavaliação da raiz e dos ramos para criar políticas e práticas de Igualdade, Diversidade e Inclusão (EDI) mais eficazes em apoio à igualdade racial e ao anti-racismo.

Joseph-Salisbury, Connelly & Wangari-Jones (2020) destacam em sua pesquisa que o racismo não é um problema apenas dos EUA, mas uma crise endêmica e generalizada no contexto do Reino Unido. Os autores destacam as

disparidades racistas de longa data no policiamento do Reino Unido, da parada e busca, às mortes após o contato policial. Refletindo sobre a ótica do Movimento Black Lives Matter de 2020, demonstrando que o policiamento do Reino Unido deve ser entendido como institucionalmente racista, os autores sugerem que as respostas ao racismo policial precisam ser radicais e intransigentes. O trabalho oferece uma visão crítica do policiamento que busca ir além do reformismo, ao mesmo tempo em que destaca as realidades do racismo no Reino Unido.

### *A influência da Covid-19*

A pesquisa mais relevante sobre a influência da Covid-19 para o afroempreendedorismo foi a desenvolvida por Pereira & Patel (2022) intitulada *Impact of the Covid-19 pandemic on the hours lost by self-employed racial minorities: evidence from Brazil*. Os autores testaram se durante a pandemia do Covid-19 as minorias raciais autônomas no Brasil perderam mais horas de trabalho em relação às minorias raciais empregadas. Os autores usaram dados secundários divulgados pelo governo brasileiro com uma amostra de 19.626 empregados (setor público ou privado) e autônomos de um para um vizinho mais próximo.

Os resultados demonstraram maior perda de horas por parte dos autônomos, de forma que os trabalhadores autônomos negros no total perderam 9.051 horas por mês e os trabalhadores autônomos mestiços no total perderam 27.880 horas por mês. Os autores, ao constatar em seu estudo essa disparidade, sinalizam que os formuladores de políticas brasileiras devem prestar mais atenção aos fundos de alívio alocados e às políticas voltadas para minorias raciais autônomas.

## **5. Conclusão**

Infere-se através da revisão da literatura um incremento de produções sobre afroempreendedorismo no período entre 2018 a 2022, fruto dos fatores levantados nessa pesquisa. Alcançamos os objetivos propostos uma vez que nossa análise responde o questionamento de Guthrie (2019) sobre existir um mundo negro fora da imaginação colonial e como vislumbrá-lo, ainda referenciando a historiografia negra e um ethos cultural afro-diaspórico já enraizado nos períodos colonial, escravista e pós-colonial? Além dos nossos questionamentos: como a análise da conjunção desses temas pode nos direcionar para construção de um futuro para o afroempreendedorismo decolonizado, afrocentrado, baseado na cosmovisão e filosofia das antigas tradições africanas, emancipada de uma lógica neoliberal e ocidental?

Identificamos uma janela de oportunidades para os afro empreendedores. Percebemos o aumento da conscientização da população negra ao redor do mundo, oriunda da massificação do letramento racial nos meios de comunicação, da divulgação de obras clássicas e da criação de novas obras sobre negritude, fazendo com que a população negra, e conseqüentemente os consumidores negros, se tornassem mais exigentes e passassem a consumir de produtores também negros, aumentando a prática do *Black Money*. O uso do afrofuturismo nas produções cinematográficas, literárias e musicais, trouxe uma contra-história que confronta a narrativa vigente, colocando o negro sempre no lugar de subserviência e com baixa

perspetiva de um futuro promissor. Em termos práticos, o afrofuturismo impacta diretamente na criação e concepção de novos negócios e produtos, nos processos, no consumidor, nos funcionários, tendo pautados na lógica das antigas tradições ancestrais africanas que focavam na divisão do trabalho, no respeito à comunidade e na ancestralidade. Apesar de todo impacto negativo que identificamos no período pandêmico para os afro empreendimentos, observaremos o retorno positivo na criação de novos negócios em um futuro recente, tendo o afrofuturismo como fonte de inspiração. Outro aspecto dessa janela de oportunidades é o aumento de fundos de investimentos focados em afro empreendimentos e fundos que destinam parte do seu portfólio para essa categoria de empresas, respeitando os ODS e os Princípios para o Investimento Responsável proposto pela ONU. Seja por real conscientização por parte dos *stakeholders* ou seja pela exigência de boas práticas de ESG por parte do mercado e dos consumidores. Por fim, ressaltamos a importância da formulação de políticas públicas voltadas para o fomento do afro empreendedorismo, fomento em educação em diferentes níveis para grupos minorizados, acesso ao capital financeiro, fundos de alívio alocados às minorias raciais autônomas e pequenos negócios, além do debate público e a racialização do tratamento dado pelas forças policiais para a população negra ao redor do mundo.

Os últimos cinco anos, nos mostrou que há sim a possibilidade de construir narrativas para a comunidade negra ancoradas em sua ancestralidade, sua realidade, pela comunidade preta, respeitando seus desejos e necessidades, mentalmente desacorrentadas de uma lógica neoliberal, além de fugir um retrato estereotipado do que é ser um negro em diáspora ou um africano. Tendo o afrofuturismo como ferramenta para tal. A independência política e econômica, pode ser alcançada, fazendo-se referência às ferramentas e simbologia dos elementos da África passada que priorizam o coletivo ao invés do indivíduo, nos dando senso de comunidade e identidade própria. Além de estimular o setor público a criar soluções sociais sistemáticas incorporadas ao sistema de apoio social, encontrando estratégias mais eficazes e equitativas de combater o racismo estrutural. No que concerne ao estudo do afro empreendedorismo há necessidade em alargar e aprofundar, por meio de pesquisas futuras, o conjunto de impactos causados pela Covid-19 quanto à mortalidade de afro empreendimentos durante e após período pandêmico, além de estender a investigação iniciada por Pereira & Patel (2022) para empreendimentos de pequeno e médio porte, e não apenas aos empreendedores autônomos. Ressalto, também, a oportunidade de aumentar a investigação sobre o uso de elementos da África passada no desenvolvimento de afro empreendimentos do agora, pois em se tratando de um negócio preto, não há como não estar atento ao conceito de *Sankofa*; para avançar e construir um futuro, deve-se chegar ao passado para recuperar o que corre o risco de ser deixado para trás ou esquecido.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Jiba Molei. *The Horsemen: Divine Intervention*, First edition. ed. **Cedar Grove Books**, Dallas, TX. (2014)

ASANTE, Godfried A.; PINDI, Gloria Nziba. (Re)imagining African futures: wakanda and the politics of transnational blackness. **Review Of Communication**, [S.L.], v. 20,

n. 3, p. 220-228, 2 jul. 2020. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/15358593.2020.1778072>.

CORNELIUS, Nelarine. From slavery and colonialism to Black Lives Matter: new mood music or more fundamental change?. **Equality, Diversity And Inclusion: An International Journal**, [S.L.], v. 40, n. 1, p. 8-20, 4 set. 2020. Emerald. <http://dx.doi.org/10.1108/edi-07-2020-0199>.

BENTO, Asia; BROWN, Tony N.. Belief in systemic racism and self-employment among working blacks. **Ethnic And Racial Studies**, [S.L.], v. 44, n. 1, p. 21-38, 16 mar. 2020. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/01419870.2020.1737170>.

BEM, Daryl J.. Writing a review article for Psychological Bulletin. **Psychological Bulletin**, [S.L.], v. 118, n. 2, p. 172-177, set. 1995. American Psychological Association (APA). <http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.118.2.172>.

CARNEIRO, A. Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser (Tese Doutorado). **Universidade de São Paulo**, São Paulo (2005).

SPACE IS THE PLACE. Direção: John Coney. Produção de North American Star System. Estados Unidos, 1974.

DE KOSNIK, Abigail.; FELDMAN, Keith. # identity: Hashtagging race, gender, sexuality, and nation. **University of Michigan Press** (2019)

FRANCIS, June N. P.; ROBERTSON, Joshua Tecumseh F.. White spaces: how marketing actors (re)produce marketplace inequities for black consumers. **Journal Of Marketing Management**, [S.L.], v. 37, n. 1-2, p. 84-116, 2 jan. 2021. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/0267257x.2020.1863447>.

GRAVES, Chris. The killing of George Floyd: What we know. MPR News. Disponível em: <https://www.mprnews.org/story/2020/06/01/the-killing-of-george-floyd-what-we-know>. Acesso em: Acesso em 26 Agosto 2022. (2020)

GRIFFIN, Rachel Alicia. I AM an Angry Black Woman: black feminist autoethnography, voice, and resistance. **Women'S Studies In Communication**, [S.L.], v. 35, n. 2, p. 138-157, jan. 2012. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/07491409.2012.724524>.

GROSSI, Janaina Cássia; VICENTE, Raphael. Divulgação voluntária de políticas corporativas para a promoção da equidade étnico racial nas empresas brasileiras. **Journal Of Racial And Ethnic Social Equality**, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 24-34, 13 jul. 2022. Faculdade Zumbi dos Palmares. <http://dx.doi.org/10.55547/jrese.v2i1.17>.

GUTHRIE, Ricardo. Redefining the Colonial: An Afrofuturist Analysis of Wakanda and Speculative Fiction. **Journal of Futures Studies**. Disponível em: <https://jfsdigital.org/articles-and-essays/vol-24-no-2-december-2019/redefining-the-colonial-an-afrofuturist-analysis-of-wakanda-and-speculative-fiction/>. Acesso em: Acesso em 26 Agosto 2022. (2019)

HANCHEY, Jenna N.. Decolonizing aid in Black Panther. **Review Of Communication**, [S.L.], v. 20, n. 3, p. 260-268, 2 jul. 2020. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/15358593.2020.1778070>.

HEREDIA, Jorge; RUBIÑOS, Cathy; VEGA, William; HEREDIA, Walter; FLORES, Alejandro. New Strategies to Explain Organizational Resilience on the Firms: a cross-countries configurations approach. **Sustainability**, [S.L.], v. 14, n. 3, p. 1612, 29 jan. 2022. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/su14031612>.

JOSEPH-SALISBURY, Remi; CONNELLY, Laura; WANGARI-JONES, Peninah. "The UK is not innocent": black lives matter, policing and abolition in the uk. **Equality, Diversity And Inclusion: An International Journal**, [S.L.], v. 40, n. 1, p. 21-28, 27 jul. 2020. Emerald. <http://dx.doi.org/10.1108/edi-06-2020-0170>.

LEE, Randy. T., PEREZ, Amanda. D., BOYKIN, C. Malik., MENDOZA-DENTON, Rodolfo. On the prevalence of racial discrimination in the United States. **PloS One**, 14(1), e0210698. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0210698>) (2019)

LOFSTROM, Magnus.; TIMOTHY, Bates. "African Americans' Pursuit of Self-Employment." **Small Business Economics** 40 (1): 73–86 (2013)

MCKAY-JACKSON, Cassandra; GRUMBACH, Giesela; CAMPOS-MOREIRA, Linda D.. The Wakanda effect: a protective factor to navigate racialized environments. **Journal Of Ethnic & Cultural Diversity In Social Work**, [S.L.], p. 1-12, 28 jul. 2021. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/15313204.2021.1949776>.

MAPPING POLICE VIOLENCE. "**Police Killed 1,098 People in 2019**", Disponível em: <https://mappingpoliceviolence.org/>. Acesso em 26 Agosto 2022. (2020)

NARDINI, Gia; RANK-CHRISTMAN, Tracy; BUBLITZ, Melissa G.; CROSS, Samantha N. N.; PERACCHIO, Laura A.. Together We Rise: how social movements succeed. **Journal Of Consumer Psychology**, [S.L.], v. 31, n. 1, p. 112-145, jan. 2021. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1002/jcpy.1201>.

PALMATIER, Robert W.; HOUSTON, Mark B.; HULLAND, John. Review articles: purpose, process, and structure. **Journal Of The Academy Of Marketing Science**, [S.L.], v. 46, n. 1, p. 1-5, 2 out. 2017. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s11747-017-0563-4>.

PAUL, Justin; CRIADO, Alex Rialp. The art of writing literature review: what do we know and what do we need to know?. **International Business Review**, [S.L.], v. 29, n. 4, p. 101717, ago. 2020. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ibusrev.2020.101717>.

Paul, J., Lim, W. M., O'Cass, A., Hao, A. W., & Bresciani, S. (2021). Scientific procedures and rationales for systematic literature reviews (SPAR-4-SLR). **International Journal of Consumer Studies**, 45(4).doi:10.1111/ijcs.12695

PETTICREW, Mark.; ROBERTS, Helen. Systematic reviews in the social sciences: A practical guide: **John Wiley & Sons**. (2008)

PICKERING, Catherine.; BYRNE, Jason. The benefits of publishing systematic quantitative literature reviews for PhD candidates and other early-career researchers. **Higher Edu Research & Development**, 33(3), 534-548 (2014).

OSEI, Elisabeth Abena. Wakanda Africa do you see? Reading Black Panther as a decolonial film through the lens of the Sankofa theory. **Critical Studies In Media Communication**, [S.L.], v. 37, n. 4, p. 378-390, 7 ago. 2020. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/15295036.2020.1820538>.

PEREIRA, Igor; PATEL, Pankaj. C. Impact of the COVID-19 pandemic on the hours lost by self-employed racial minorities: evidence from Brazil. **Small Business Economics**. doi:10.1007/s11187-021-00529 (2021).

PRABASMORO, T.; BUDHYONO, R.; MUHTADIN, T. Black Panther: Identity, Afrofuturism, and Representation of Superheroes. **Pertanika J. Soc. Sci. & Hum.** 27 (4): 2671 - 2685 (2019)

ROBB, Alicia.; ROBERT, W. "Access to Financial Capital among U.S. Businesses: The Case of African American Firms." **The Annals of the American Academy of Political and Social Science** 613 (1): 47-72 (2007)

RODELA, Tahmina Tasnim.; TASNIM, Samia.; MAZUMDER, Hoimonty.; FAIZAH, Farah.; SULTANA, Abida.; HOSSAIN, Md. Mahbub. Economic impacts of coronavirus disease (COVID-19) in developing countries. **Center for Open Science**. <https://doi.org/10.31219/osf.io/wygpk> (2020)

WALLACE, Carvell. Why Black Panther is a defining moment for Black America. The **New York Times**. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/02/12/magazine/why-black-panther-is-a-defining-moment-for-black-america.html>. Acesso em 26 Agosto 2022

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **COVID-19 weekly epidemiological update**. Disponível em : <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/336478/nCoV-weekly-sitrep01Nov20-eng.pdf>. Acesso em 26 Agosto 2022